

PROPAGANDA PELO FATO*

Edgard Carone **

Os movimentos anarquistas evoluem no decorrer de todo século XIX. O primeiro deles é a ação teorizante e pioneira de Goldwin, de fins do séc. XVIII e começo do séc. XIX; depois, a partir dos anos 40, outros começaram a se fazer notar, não só pelo enriquecimento do seu pensamento, como pela presença de novos comportamentos de ações. Quem inaugura o novo avanço é Max Stirner, com seu livro de grande sucesso, **O Único e sua Propriedade**, que reelabora o conceito de individualidade: para ele, o "indivíduo humano, corporal, é a única realidade e o único valor. O indivíduo é uma energia voluntária, uma pulsão egoísta e egocêntrica que não se inclina diante de nenhum ídolo, que não reconhece a si mesmo e que se serve de tudo como um instrumento... O Eu é a única lei, não há obrigação para nenhum código, nenhum credo, nenhuma concepção filosófica"¹. O momento seguinte cabe a Proudhon, com suas idéias mutualistas: para ele, as "tendências associativas e federativas, cujas ações autônomas contra a intervenção dos monopólios deveria levar à liquidação do Estado e permitir alcançar a associação e a federação dos órgãos de verdadeira utilidade social, segundo as necessidades humanas e sem obstáculos autoritários"². Enquanto Proudhon marca sua presença entre os anos 40 e 50, Bakunin influencia os suíços, italianos e franceses no período que abrange os anos 60. De maneira breve, para ele existe um "conceito de revolta, enquanto instituto inato no homem. Ele deve se revoltar para atingir a liberdade: contra todos os valores e as convenções morais impostas pela sociedade, sobretudo contra a idéia de Deus, fonte primeira de toda a autoridade. Isto implica a necessidade de destruir o estado de coisas inexistentes e, por conseguinte, a necessidade da revolução"³. Como diz Marx, seu pseudo-programa, defendido durante a 1ª Internacional, não passa de conceitos vagos

e pequenos-burgueses, como a "igualdade entre as classes, abolição do direito de herança como ponto de partida do movimento social, e o ateísmo, como dogma obrigatório para os membros da Internacional"⁴. Em essência, esse é o pensamento de Bakunin, denominado de **Coletivista-Autoritário**.

Nos últimos anos da década de 80, finalmente, o anarquismo inicia outra fase, a **comunista libertária**. Nela predominam o pensamento e a ação individualista, representados pelos nomes de Kropotkin, Jean Grave, Cafiero, Malatesta e outros. A nova corrente despreza a herança anterior, bakuninista, de "movimento de massas, de caráter proletário, apolítico e internacionalista", defendido pelo líder russo na 1ª Internacional. Apesar da importância da expansão da nova corrente acrítica em vários países da Europa - Espanha, Portugal, França, Itália, etc. - os núcleos que se formam tornam-se "pequenos grupos clandestinos, de ação direta, onde a polícia facilmente infiltra os seus agentes"⁵.

Na mesma época nasce o anarcossindicalismo, que torná-se-á a corrente mais importante do movimento acrítico. E, por coincidência, nesta mesma hora, surge outra manifestação anarquista, que nada tem a ver com as anteriores, mas que acentua o caráter negativista do movimento. Falamos daquilo que denomina-se **Propaganda pelo Fato**⁶ ou, então, o **Aventurismo**.

A corrente da **Propaganda pelo Fato** anuncia-se de maneira esporádica e através de acidentes aparentemente desconexos. O primeiro ocorre durante o Congresso de Berna, em 1876. Nesse enclave, alguns congressistas defendem a necessidade dos anarquistas passarem à ação, deixando de lado o seu pacifismo diante da classe dominante; para isto, é necessário a luta constante contra a burguesia, e não a passividade na qual o proletariado vive, nesse momento. Em abril de 1877, um episódio particular mostra que a lição

fora assimilada por alguns: Cafiero e Malatesta, dois futuros líderes anarquistas, invadem a região italiana de Benevent, à frente de 30 homens armados, queimam os arquivos municipais, distribuem entre os pobres dinheiro retirado dos cofres municipais e pensam em instaurar um comunismo libertário; afinal, a aventura se encerra com a prisão de seus líderes⁷.

O episódio vai ter continuidade nos anos 80 e 90. É quando a corrente da Propaganda pelo Fato toma corpo, e passa de simples idealização literária à corporificação da realidade trágica. O resultado concreto é o aumento assus-

(*) O uso da violência é aceito por várias correntes anarquistas. Para Bakunin ela tem sentido específico, como vemos exposto neste artigo: apesar de confessar o seu sentido coletivista, a forma de violência defendida por ele, às vezes, se assemelha à posição da corrente individualista. Outra é a individualista, que se compõe dos que pretendem vingar seus companheiros, presos ou mortos pelas autoridades. Por essa razão, querem atingir mortalmente o sistema, e para isso é que vão atentar contra reis, presidentes da República, ministros, juízes, chefes de polícia: é após 1870 que temos a multiplicação desses atos, como, por exemplo, nos casos contra Guilherme I (1878), Alfonso XII, Sadi-Carnot (1904), Mac Kinley (1901). O nosso artigo trata de outra corrente: ela é a favor da violência indiscriminada contra o sistema da burguesia. Por exemplo: ao jogar a bomba num recinto qualquer, não se procura atingir alguém em particular, mas, de maneira geral, a burguesia e a classe dominante. A intencionalidade se mostra utópica e irracional, e serve unicamente para desculpar aqueles que matam e roubam, roubo que se faz para uso pessoal. É da última que tratamos, mas o leitor não pode deixar de lembrar que as três correntes citadas sobrevivem ao mesmo tempo.

**Historiador, professor do Depto de História da F.F.L.C.H. da USP, tem extensa obra publicada, sobretudo sobre a história da república do Brasil.

1 Domenico Tarrizzo, *L'Anarchie*, p. 24-25.

2 Domenico Tarrizzo, *L'Anarchie*, p. 28.

3 Domenico Tarrizzo, *L'Anarchie*, p. 36.

4 Marx-Engels, Lenin, *Acerca...* p. 36

5 Daniel Guérin, *L'Anarquisme*; p. 85-86

6 Em alguns livros, os autores traduzem diferentemente: **Propaganda pela ação**.

7 Daniel Guérin, *L'Anarquisme*, p. 86-87

Nos últimos anos da década de 80, finalmente, o anarquismo inicia outra fase, a comunista libertária. Nela predominam o pensamento e a ação individualista, representados pelos nomes de Kropothin, Jean Grave, Cafiero, Malatesta e outros.

tador do número de atentados contra os representantes da burguesia e da nobreza, em todo continente europeu, e até nos Estados Unidos.

Nestes anos surgem manifestações orais e escritas, que nos levam a avaliar determinados aspectos dessa corrente. Uma delas revela-se quando seus adeptos querem fazer crer que ela presente posição distinta da anarquia. Se a suposição, em parte, é verdadeira, de outro lado percebem-se nela resquícios acrátricos e determinadas verdades defendidas pelos grupos anarquistas nesse fim de século. Particularmente, pode-se excluir dessa exceção o caso de Bakunin, cuja noção de greve geral, seguida por movimento insurrecional, tem alguma afinidade maior com a tese da **Propaganda pelo Fato**.

A defesa da violência individual - em certos casos coletiva - é tônica bastante freqüente para eles. E, por sua vez, a greve a favor de melhores salários e condições de trabalho não se apresenta como fundamental; o que desejam é a "greve-insurreição", seguida de ação individual, o primeiro ato de uma revolução que eles estimam próxima e inelutável; ela é a guerra dos punhos fechados, fechados sobre o cabo de um punhal ou a coroa de uma pistola⁸. Se a greve representa instrumento destinado a combater o regime dominante, também, não se pode abandonar o ataque feito por eles ao sistema repressivo da burguesia. É o caso das forças militares que, segundo eles, devem ser minadas em toda a sua extensão. No caso específico de uma insurreição, "cada soldado revolucionário deve incendiar a caserna onde habita; para isso, ele se dirigirá para onde se encontram empilhadas a lenha, palhas e forragens; em todos os casos, ele deverá pôr fogo nas palhas... No meio da confusão que se formará necessariamente, desde que o incêndio se propague, é preciso favorecer a revolta e atacar de maneira impiedosa, os oficiais até que nenhum deles continue vivo. Os soldados devem sair de suas casernas abraçados e se reunir ao povo,

conduzindo seus fuzis e munições, para ajudar os operários insurrectos a esmagar as forças policiais"⁹. Em outra circunstância, o conselho é o mesmo: "... se você tiver força, você ficará um minuto a mais aqui. Você tem pão? Há nas padarias. Pilha-se!"¹⁰.

Conselho e receita caminham juntos. Pouget é exemplo para ilustrar a combinação. Depois de ser preso e processado - com outros -, ao sair da prisão ele mantém-se "melancólico e grave... com nenhuma ilusão, nenhuma esperança. O ódio e o desgosto por nosso estado social, por assim dizer, esvaziou sua alma. Suas palavras revestem uma placidez, uma serenidade terrível. Este rapaz vos fala de dinamitar as casas e de assar os burgueses como se falasse da abertura de um novo teatro..."¹¹.

Os conselhos se ampliam, novas sugestões são fornecidas de maneira aberta. A partir de 1877, temos publicações com a receita para o fabrico de bomba. É o que chamam de produtos anti-burgueses. Com esse nome, "nós pomos sob os olhos de nossos amigos as matérias anti-inflamáveis e explosivas mais conhecidas, as mais fáceis em manipular e preparar, em uma palavra, as mais úteis. Estas medidas a favor do preparo da bomba não são as clássicas, mas, se a indicamos... aos camaradas, é que as reconhecemos superiores às outras e oferecendo menor perigo"¹².

Afinal, dentro da perspectiva da nova onda ofensiva individual, temos o que se denomina de **Illegalismo**, isto é, a tentativa de justificar os atos do roubo e dos bens surrupiados à burguesia. A questão do direito de expropriar os expropriadores da classe operária é fato polêmico, mesmo entre as correntes acrátricas: é o caso de Pouget, exaltando o ato; e Jean Grave e outros, condenando-o. Mas dois incidentes, dois atos do ilegalismo levantam polêmica. São os casos de Duval e Pini. O primeiro é de 1886 e representa situação particular para a época. Clemente Duval participa de um pequeno círculo anarquista. Entre outros casos, à frente de seus companheiros penetra na casa de Madame Madeleine Lemaire, ausente na noite de 5 de outubro de 1886. Os assaltantes levam tudo o que podem, porém, o mais valioso são as jóias; e é a tentativa de vendê-las que permite à polícia localizar o bando e prender Duval e outros¹³. O caso Pini apresenta traços semelhantes em muitos aspectos. Pini é anarquista italiano e faz parte de pequeno círculo, em Paris. De repente, em batida feita em sua casa, a polícia francesa encontra gran-

de número de objetos de valor. Levado à julgamento, ele defende a tese de que o "roubo é um direito", porque é uma forma do rico restituir à sociedade parte do que roubara de outrem¹⁴.

Os sinais se avolumam, em quantidade e qualidade, atingem o seu ápice quando se acrescenta uma outra manifestação da corrente de **Propaganda pelo Fato**¹⁵. A nova irrupção revela seus sinais a partir de 1886, com apogeu em 1892-1894. Então temos os resultados mais completos e dramáticos do fenômeno dos atentados individuais, tendência heterodoxa do anarquismo europeu. Estes momentos também são valorizados por um grupo de indivíduos de tendência anarquista e de simpatizantes. O radicalismo é exaltado, e a crítica feita à sociedade capitalista é mais impiedosa. Para o acrátrico Laurent Tailhade: "que importam as vítimas, se o gesto é belo! Que importa a morte de vagas humanas, se, por elas, a individualidade se afirma?"¹⁶. Ou, de um artigo de Kropotkin, renegado por ele mais tarde. No texto de 1880, ele diz ser preciso a ação, e "sempre a ação". Por ela atinge-se a teoria e a prática. A ação significa enviar os nossos ao Parlamento ou Conselhos Municipais? Não, pois nada temos a ver com a intriga dos burgueses; não temos que nos misturar com os jogos dos opressores. "Ir ao Parlamento, é parlamentar; parlamentar é pactuar". "Nossa ação deve ser a revolta permanente pela palavra, pelos escritos, pelo punhal, a dinamite, e até mesmo, algumas vezes, pelo voto, quando se trata de votar por Blanqui ou Tranquet, inelegíveis. Somos conseqüentes, nós nos servimos de todas as armas desde que se trate de fustigar o inimigo"¹⁷.

Em 22 de outubro de 1882, em Lyon, explode bomba em um restaurante, situado ao lado do Teatro Bellecour. Morre uma pessoa. Um suspeito é preso e condenado. E um jornal anarquista acusa os freqüentadores do Teatro de serem a "fina flor da burguesia e do comércio e

8 Jean Maitron, *Le Mouvement Anarchiste en France*, I, p. 154. O grifado é do original.

9 Jean Maitron, *Le Mouvement Anarchiste en France*, p. 180. É brochura divulgada por Pouget, Louise Michel e outros, em 1883, (*À L'Armée*).

10 Jean Maitron, *Le Mouvement anarchiste en France*, p. 181.

11 Alain Sargent, *Les Anarchistes*, p. 34

12 Alain Sargent, *Les anarchistes*, p. 34

13 André Salmon, *La Terre Noire*, p. 106 e segs.

14 Jean Mitron, *Le Mouvement...*, p. 187-188.

15 André Salmon, *La Terre Noire*, p. 106 e segs.

16 Jean Maitron, *Le Mouvement...*, p. 187-188

17 Alain Sargent, *Les anarchistes*, p. 17

*Dentro da perspectiva da nova onda ofensiva individual, temos o que se denomina de **Ilegalismo**, isto é, a tentativa de justificar os atos do roubo e dos bens surrapiados à burguesia.*

o primeiro ato da revolução social deverá ser o de destruir estes civis¹⁸.

Em 1886, Clemente Duval é detido por assalto. Ao ser preso, afirma que sua ação responde a um objetivo, que é a "redistribuição de riqueza"; e "quando a sociedade vos recusa o direito à existência deveis apoderar-vos dela". A contestação, como forma de acinte à classe dirigente, vai se tornar traço predominante em grande número de casos que vão se desenrolar nos anos seguintes. Uma das razões é que os que contestam usam de um discurso onde aparentemente se valoriza o indivíduo, a liberdade, os direitos de participarem dos benefícios oferecidos pela sociedade. Esta é a razão que leva camadas da classe média, de intelectuais e parcelas do operariado a ver com simpatia os atos de violência de adeptos do anarquismo. É o que vai se dar com os casos de Ravachol, Emile Henry, Vaillant e meia dúzia de outros.

Nascido em 1859, François-Claudin Ravachol é uma figura marcante do movimento da **Propaganda pelo Fato**. É de origem holandesa e pertence a uma família numerosa; seu pai abandona a casa, o que o leva a se ocupar dos irmãos. Tornou-se anarquista após a leitura do **Judeu Errante**, de Eugène Sue, quando atinge os 18 anos. Pouco tempo depois, inicia um ciclo de atividades bastante trágico, que começa com assassinatos e roubos, situação que se explica porque seus pais e irmãos, e também a sua amante, estão passando por dificuldades financeiras. A partir de 1886 pratica vários assaltos em residências ricas. A sua técnica é a seguinte: vigia a casa, procura se informar sobre os seus habitantes, seus costumes, etc. E como resultado, temos 1) em 30 de março de 1886, ele assassina o capitalista de 86 anos, de nome Rivollier, e sua empregada; o barulho provocado pelas vítimas, obriga-o a fugir sem levar nada; 2) em 14 e 15 de maio de 1891, viola a sepultura da condessa de la Rochetaillé, sem encontrar nenhum tesouro, que acreditava existir; 3) assassina, em 18 de julho, o velho Jacques Brunel, de 92 anos, que vive há 50 anos de esmola; o roubo rende-

lhe 15.000 francos; 4) assassina, em 27 de julho de 1891, as irmãs Macon, uma com 76 anos, outra com 46; não encontra nenhum dinheiro na casa¹⁹.

Apesar de se iniciar cometendo assaltos individuais, com resultados financeiros às vezes decepcionantes, o nome e a fama de Ravachol só se universalizavam com os atentados à bomba que vai praticar. A lista é grande e se inicia a partir de 1892, enquanto os assassinatos datam de 1886 a 1891. É a partir desta data que ele pretende se vingar da Justiça, em nome dos companheiros anarquistas condenados no ano anterior. Ravachol deposita dinamite na residência do Presidente Benoît, no Boulevard Saint-Germain, pois ele é que dirigira o processo contra os anarquistas, 1891. O resultado é um grande prejuízo material, apesar de não ter havido nenhuma vítima. O atentado de 11 de março é seguido por outro, em 27 de março. É na rua Clichy, onde mora um substituto do Juiz, que pedira a pena de morte para os anarquistas. Também o estrago material é grande, nada acontecendo à possível vítima.

Após o primeiro atentado, a polícia está segura de que Ravachol é o responsável pelos acontecimentos de 11 de março e, por essa razão, distribui cartazes com seu retrato. A medida permite que o garçom que o atendera a primeira vez - logo depois do primeiro atentado - o reconheça quando Ravachol volta ao restaurante, em 17 de março. A polícia é avisada e, para prendê-lo, são necessários 10 homens. Depois de um julgamento sumário, é condenado à morte, o que acontece em 11 de julho de 1893.

A figura de Ravachol vai se tornar lendária, o que se dá também com a de Edouard Vaillant. De família pobre, imigra para a Argentina, não se adapta à terra e ao trabalho, volta à França e, vivendo sem recursos, resolve jogar bomba na Câmara dos Deputados, em Paris. Tendo conseguido algum dinheiro de camaradas anarquistas, prepara uma bomba, pois não só ele não quer viver, mas também seu ato será o "grito de toda uma classe que reivindica seus direitos e que logo juntará os atos à palavra"²⁰. A realização de seu desejo se dá em 9 de dezembro de 1893. Depois de entrar na Câmara, dirige-se ao andar superior e de lá atira a bomba. A surpresa é geral: não há nenhum morto, mas é grande o número de feridos. No dia seguinte, é preso porque ele próprio avisa as autoridades sobre o local em que se encontra. Logo o governo abre o processo e, caso único, mesmo não tendo havido mortos, mas unicamente feridos, é condenado a morrer na guilhotina.

O último da série é Emile Henry. É um caso com características diferentes. Ravachol e Vaillant são pessoas pobres, que não estudaram e, praticamente, passam por graves necessidades materiais. Emile Henry cursa os diversos graus do ensino francês e tenta, sem resultado, entrar na Faculdade Politécnica. Antes, o pai exila-se na Espanha, por ter participado da Comuna de Paris (1871), retornando com a família, com anistia de 1882. Como nos casos de Ravachol e Vaillant, E. Henry se aproxima de grupos anarquistas, tendo sobressaído pela sua cultura.

O atentado que prepara destina-se a castigar a burguesia, nas pessoas dos proprietários das famosas Minas de Carmaux. A razão é que os seus trabalhadores estão em greve por melhores salários. Para isso, prepara bomba poderosa, envolta em jornal, e a deposita, sem ninguém perceber, no corredor do Escritório da firma, em Paris. Um dos seus funcionários, vendo o embrulho, examina o conteúdo, não consegue saber exatamente o que significa essa marmitta de ferro fundido e tenta levá-la para o prédio do Comissário da Polícia. Na hora em que as pessoas sobem as escadas do comissariado, a bomba explode. Morrem quatro pessoas, os prejuízos materiais são imensos.

Apesar do atentado ter efeito gravíssimo e as autoridades usarem de todo recurso - o próprio E. Henry é interrogado -, a polícia não encontra nenhuma pista. Certo de sua invulnerabilidade, em 12 de fevereiro de 1893, ele tenta repetir a façanha do dia 8 de novembro de 1892. O que deseja é continuar a atingir a burguesia no seu todo, sem especificação pessoal. Depois de preparar poderosa bomba ele se dirige ao Café Terminus, assunta a situação, espera que se concentre maior público e, então, lança a bomba na parte central do estabelecimento, onde pode atingir a orquestra e boa parte do público presente. Após o ato, sai correndo, é perseguido por garçons e público até ser preso. Depois de processo rápido, E. Henry é guilhotinado²¹.

Estes atos de protesto radical contra o sistema capitalista declinam totalmente a partir de 1894. A burguesia não só toma medidas mais severas contra os lançadores de bomba, como reforma cada vez mais as leis coercitivas do Código Penal. A primeira é a de 2 de abril

18 Alain Sargent, *Les Anarchistes*, p.17

19 Jean Maitron, *ibidem*, p.207-219

20 Jean Maitron, *ibidem*, p. 232.

21 Deixamos de assinalar as fotnes utilizadas para evitar repetições subtraídas das obras de Maitron, André Salmon, Jacques Prôlo, James Joll, etc.

de 1892, tornada mais coercitiva em 12 de dezembro de 1893, modificada em 18 de dezembro de 1893, com uma segunda modificação no mesmo dia e, afinal, a de 18 de julho de 1894. Todas elas tratam da ação dos anarquistas e da utilização que fazem dos instrumentos para atingir o seu fim: bombas, incêndios, mortes, assassinatos, roubos etc.²².

Em 1894, declina de uma vez o fenômeno dos atentados da **Propaganda pelo Fato**. Assim, a ação alcatória, que não distingue os "culpados" dos "inocentes", deixa de vigorar, extinguindo-se pouco a pouco o mal-estar, o pânico e a insegurança dos últimos anos.

Entretanto, uma outra corrente da violência anarquista persiste aquele que quer vingar os camaradas presos que são torturados; ou aqueles que pretendem extirpar o "estado maior da reação governamental", isto é, o "esta-

do maior" do sistema dominante da burguesia.

Bibliografia

ARVON, Henry. *L'Anarchisme*. Paris, PUF, 1951. 128 p. (Que sais-je?, n° 479).

CONFINO, Michael. *Violence dans la Violence: le débat Bakounine-Necaev*. Paris, François Maspero, 1973. 212 p.

GUÉRIN, Daniel. *L'Anarchisme: de la Doctrine à l'action*. Paris, Gallimard, 1965. 214 p.

JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*. Lisboa, Dom Quixote, 1964. 368 p.

JOUSSEAUME, Robert. *Étude sur les lois contre les Menées Anarchistes et sur les Modifications que ces lois ont apportées à la Législation Penale*. Paris, Librairie Cotillon, 1894. 59 p.

MAITRON, Jean. *Rachavol e os Anarquistas*. Lisboa, Antígona, 1981. 187 p.

MAITRON, Jean. *Le Mouvement Anarchiste en France (I, des origines à 1914)*. Paris, François Maspero, 1983. 2 v.

MARX, ENGELS, LENINE. *Acerca del Anarquismo y el Anarcosindicalismo*. Moscú, Editorial Progreso, 1987. 420 p.

PRÓLO, Jacques. *Les Anarchistes*. Paris, Marcel Rivière, 80p. (Histoire des Partis Socialistes en France, X).

SALMON, André. *La Terreur Noire*. Paris, Jean-Jacques Pauvert, 1959. 2 v.

22 Para o caso, consultar: Robert Jousseaum, *Étude sur lois contre les cations que ces lois ou apportées à La Legislación Penale*.